

# Mãe Viva

Director: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO VIII N.º 368 — PREÇO 12\$50 — 15/12/83

## DISTRIBUIDAS VERBAS DO IMPOSTO DE JOGO

• Transferidos os 27 mil contos do Campismo de Sales

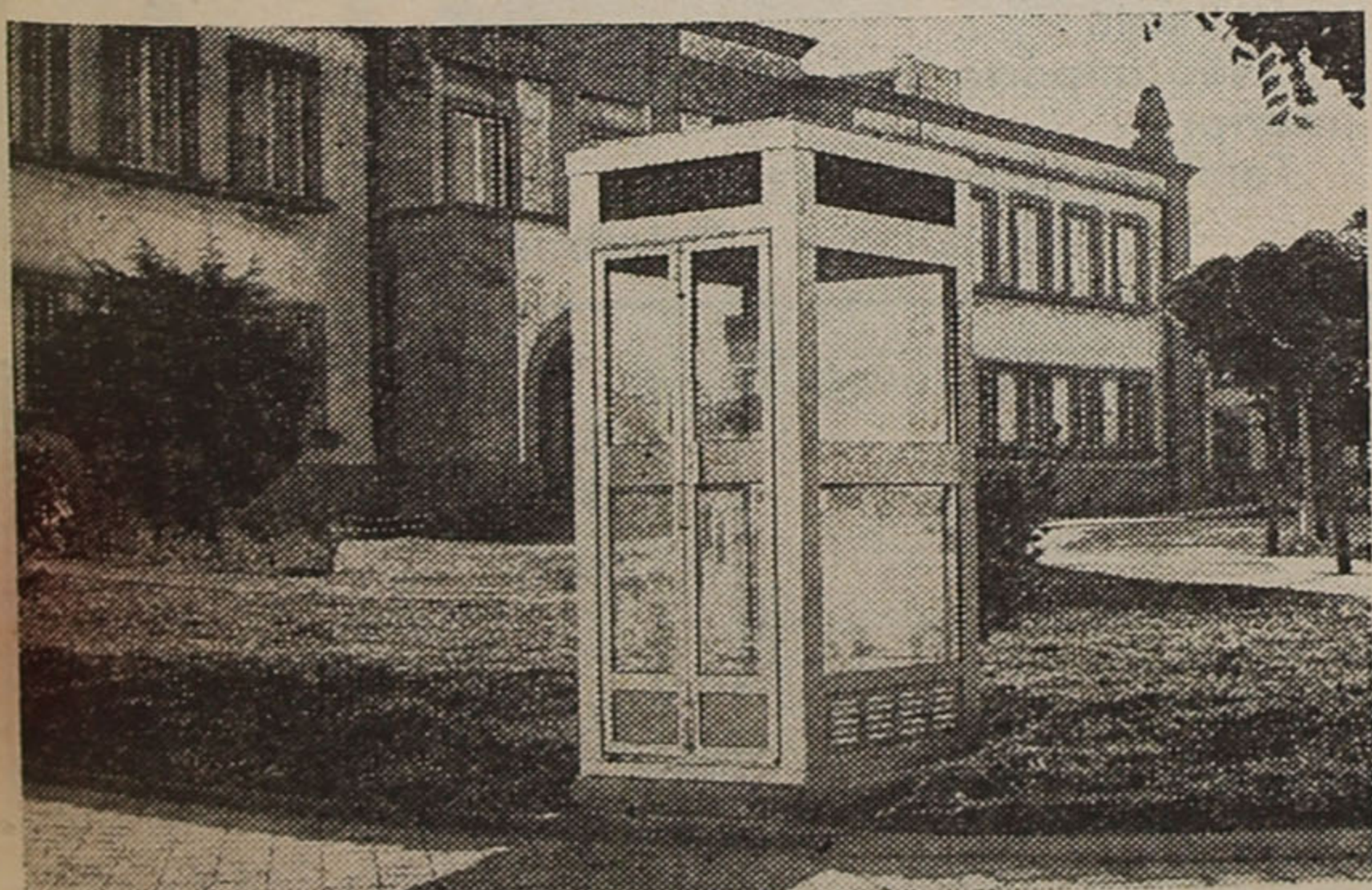
— PÁGINA 5

### EDGAR CARNEIRO:

Um transmontano que se  
radicou em Espinho

— entrevista na última página

## Telefones à espera de melhores dias

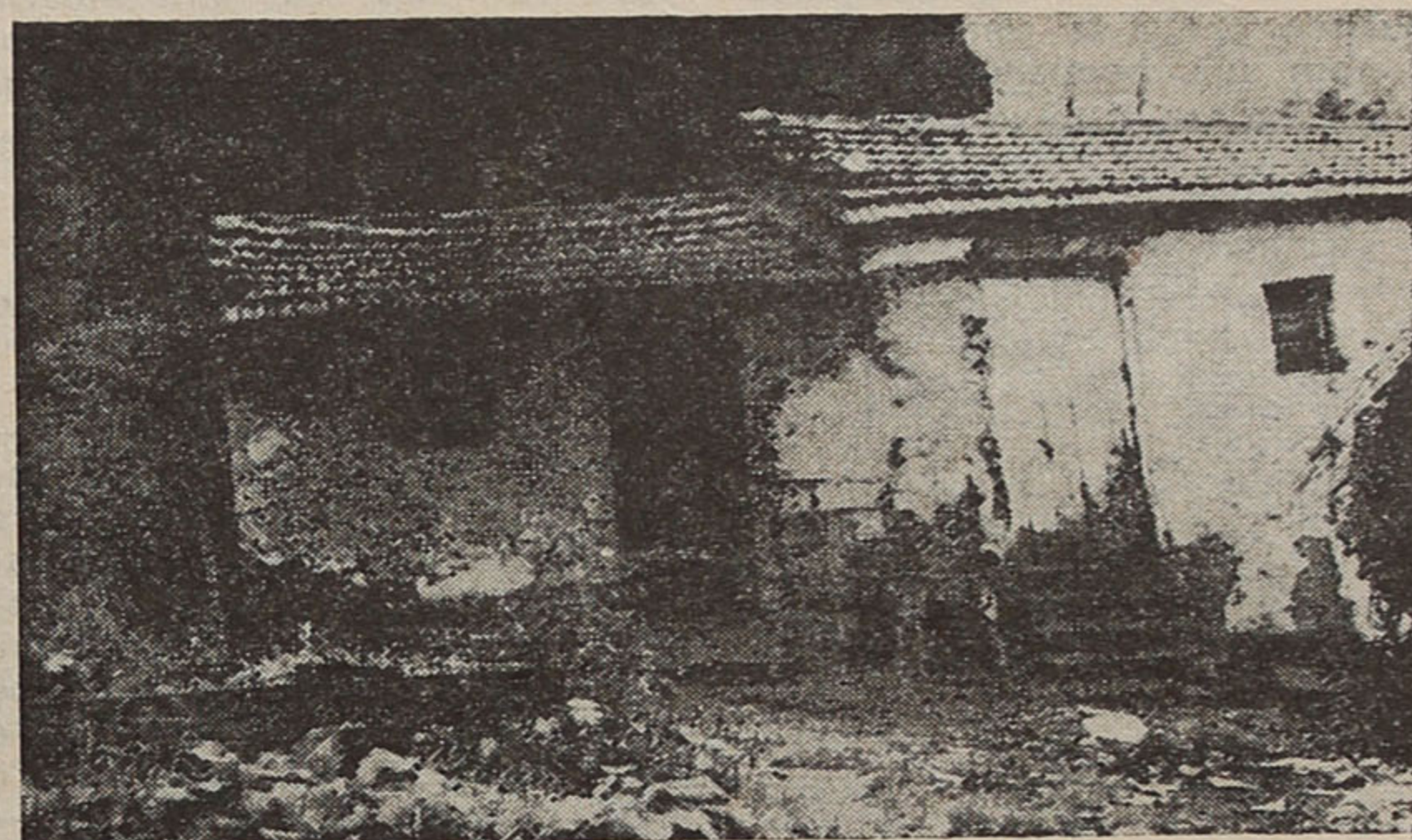


Estas cabines «comem» moedas...

— PÁGINA 4

### EM ANTA

Familia "vive" no pinhal  
com rio debaixo do quarto



Em Anta, no lugar da Fonte e na casa que a foto documenta, vivem três seres humanos. Afastados de tudo e todos, um homem, sua mulher e uma criança de dois anos, filha do casal, ali estão tendo como companhia a peça que mais valor tem dentro das portas. Um velho despertador.

— PÁGINA 5

## SOBRE O «ONDA»

Luís Albernaz

mantém a sua proposta

— Leia na página 3

## ESPELHO MEU

## À espera de D. Sebastião

Constatação: há 6 ou 7 anos que esperamos pela entrada na CEE.

Pergunta: Quantos anos vamos ainda esperar?

A cimeira de Atenas foi o colapso que se viu, os dez viram-se incapacitados de conseguir arranjar consenso quanto a algumas questões fundamentais, como seja a política agrícola ou ainda o alargamento da comunidade europeia. A crise é tal que muitos chegam a acreditar que a CEE pode estar para acabar, se as divergências continuarem a mostrar-se irrevogáveis.

Entretanto Portugal continua no caos, à espera de entrar para essa CEE cada vez mais longínqua. Sentados assim estamos nós há muito tempo tentando aviar malas, ou seja dirigir a nossa política económica, so-

cial, externa, para permitir a nossa entrada nessa fronteira que cada vez se torna mais restritiva.

Datas de entrada já foram marcadas aos montes, e todas foram ultrapassadas; agora já se fala de 1 de Janeiro de 1986, mas quem sabe se também esta não será cumprida.

Enquanto os srs. Ministros, economistas, diplomatas se «entretêm» a «brincar» ao entrar não entra, enquanto se multiplicam as conferências, os encontros, os jantares, enquanto se fala de política rumo ao mercado comum, nova política agrícola, adaptação às normas europeias enquanto se discute este problema que irá certamente afectar o nosso futuro, o que dizem e o que fazem estes 10 milhões de portugueses?

Nada.

Os agricultores franceses, por exemplo, manifestaram-se de diversas maneiras, fazendo chegar a todo o lado as suas vozes contra o alargamento, os portugueses esses continuam mal informados, não expressando opinião alguma presos a essa visão mítica de mais um D. Sebastião, que virá solucionar todos os problemas. Aqueles, poucos, que tinham opinião, como sejam os industriais, começam cada vez mais a ver com maus olhos a entrada na CEE.

É de perguntar talvez quem quer a entrada na CEE, ou será que nos limitaremos a ver políticos passar, continuando a ser o povo passivo de que somos afamados, que tudo permite e que precisa de 50 anos para começar a reagir?

D. P.

## DISCORRENDO:

## TERRA A TERRA

## «ESTILHAÇOS»

Depois de «Pelo toque da viola» e «Dançando, pulando», álbuns talvez pouco conseguidos, devido a uma possível imaturidade do grupo e também uma certa indefinição em relação ao número dos seus componentes, os «Terra a terra» aparecem no mercado discográfico com estes magníficos «Estilhaços». Já com uma formação estabilizada, o grupo surge maduro com grande qualidade vocal e bons apoios instrumentais. Curiosa e sem destoar a introdução do baixo eléctrico e da bateria, esta última unicamente no «Corridinho», um instrumental de grande nível. Ainda nesta

álbum, é de salientar pelo seu ritmo vivo e excelente sonoridade os trechos «Festas de Campo Maior» «Chula de Penafiel» e «Chula ou Ramalde». Mas o trabalho vale pelo seu todo e merece uma nota francamente positiva. A Música Popular Portuguesa está enriquecida. Lopes Graça e Michel Giacometti têm a sua quota-parte de responsabilidade no êxito pois foi ao «Cancioneiro Geral do Povo Português» que o grupo foi buscar boa parte dos temas de «Estilhaços».

Um trabalho a ouvir com atenção. É mesmo bom...

## RIFAS DA NASCENTE

13.ª SEMANA — 9/12/83

110	—	5.000\$00	—	Elsa Braga
010	—	400\$00	—	Carlos Pinheiro Moraes
210	—	400\$00	—	Jorge António Silva Cardoso
310	—	400\$00	—	José Catarino
410	—	400\$00	—	António Dias Martins
510	—	400\$00	—	Gervásio Alves Neves
610	—	400\$00	—	Quintino António Silva
710	—	400\$00	—	Sérgio Pinhal
810	—	400\$00	—	Manuel Costa Marques
910	—	400\$00	—	José Maria Macedo Pereira Rocha

## A V I S O

Os nomes abaixo indicados, deverão pagar as rifas ou levantar os respectivos prémios na Cooperativa Nascente, Rua 62 n.º 251, de 2.ª a 6.ª feira das 15,30 às 19 horas.

Eugénia M. Lemos — 014; Manuel da Silva Gomes — 047; Deolinda Peralta — 061; M. Glória Devezas — 168; Joaquim M. Couto — 224; Edmundo Teixeira, — 445; Luriano B. P. Silva — 453; Mário Magalhães — 525; M. Fernanda S. Alves — 555; Rafael Tormenta — 701; Olindo Moutinho — 781/788; Manuel M. Camarinha — 723; Carlos Alberto Lopes — 786; Carlos Alvarez Carvalho — 813; Fernando Ant. Alves — 907; José Maria Macedo da Rocha — 910; Adriano Cardoso — 980.

## RASCUNHOS

Aí estão as ruas ornamentadas de estrelas, presépios miniatura, azevinhos, um sem número daquelas coisas cuja aparência está ligada à palavra Natal. De noite, o fulgor das luzes a querer dar mais força a esta fingida alegria que ano a ano se repete.

As montras dos estabelecimentos estão cheias das mais brilhantes utilidades e inutilidades, chamariz tentador capaz de fazer gastar aquilo que faltará depois para o estritamente necessário.

A gente embarca nisto tudo, sente-se numa atmosfera diferente, ilude-se, até que, de repente, olha para a carteira e chega à conclusão de que alguma coisa funciona mal. Antigamente o dinheiro ia chegando (quando chegava) para o trivial e, com um pequenino esforço

em ocasiões como o Natal, até dava para umas extravagâncias. E agora, Zé?

Claro que todos nós, portugueses, nos sentimos muito felizes porque a grande maioria (que é a dos que menos podem) está a ajudar, com todo o dilúvio de impostos extraordinários que o Governo teve a gentileza de lhe impor (ou não eram impostos), a recuperação da nossa economia. Pelo menos é o que depreendo de recentes afirmações do nosso Primeiro Ministro, um homem que nunca desanima, mesmo quando as portas por onde quer entrar não lhe permitem o ingresso pela mesquinha razão de não haver portas.

Isto não vai continuar assim. Não vai, não. Lá para meados de 1984, se tudo correr bem (como promete o optimismo go-

vernamental) recomeçaremos a nossa caminhada para o bem-estar, para um futuro radioso, próximo das delícias do Paraíso. Esse Paraíso onde se não podia comer maçãs não por serem caras mas sim por serem fruto pecaminoso.

Sem ser velho (muito) nem do Restelo, comungo muito pouco no tal optimismo. Poderá estar na origem desta minha atitude uma má secreção do fígado uma vez que não senti gozo nenhum em pagar os patrióticos 2,8%. Ou será que eu sou mesmo um pessimista? Talvez eu seja como aquele de dois pessimistas impedimentos que discutiam amargamente sobre as desgraças colectivas e pessoais que sobre eles caíam a rodos. Aquilo era um diálogo de desgraças sobre desgraças, de azares em cima de azares. Até que um disse para o outro: «Aposto que eu sou mais pessimista do que tu». E o outro ripostou: «Ganhastel».

Carlos R. Moraes

## HORIZONTAIS

1 — Com esta fazem os chineses sôpa. 2 — Isto ou aos é o mesmo; é porco; não o faça com os subordinados. 3 — É um tecido forte; discursou. 4 — Ousem; rio da Confederação Helvética. 5 — Rejeitavas. 6 — É branca e fria; adversa. 7 — Faça-o ao próximo como a si mesmo; pronto para receber os botões. 8 — Aférese de até; tem um Castelo perto de Tomar; coração da coragem. 9 — Somar; é o nome genérico dos glicídios simples; o dó vem depois dela. 10 — É um dos segredos de quem fornece café; com til é divindade grega. 11 — Este é muito doloroso.

## VERTICAIS

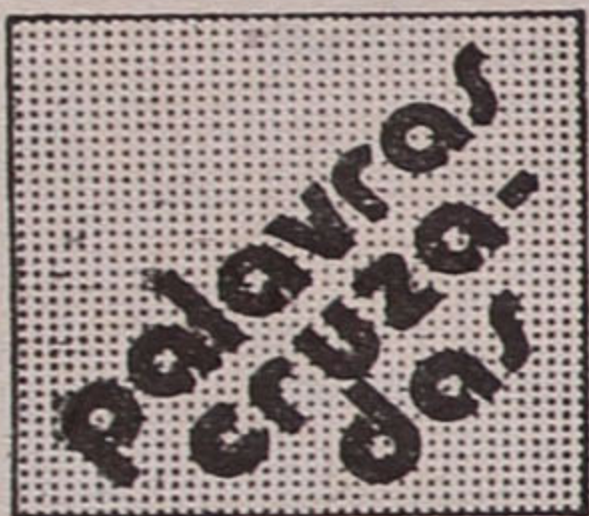
1 — Dar a ela é fugir; está à porta. 2 — Assim começa a asneira; tremelga. 3 — É rápido; precede o «missa est». 4 — Faça-o quem quiser bolga; este é mesmo escuro. 5 — Case; cobalto; Assembleia Municipal. 6 — Esta gosta de

bater nos outros. 7 — Primeiras vogal e consoante; contrações permanentes da pupila. 8 — Este grego quer dizer novo; ponha asas; este também é grego e quer dizer por cima de. 9 — Fazê-lo à asa é namoriscar; este é o maior do naipe. 10 — Mordisque; o contrário de vindas. 11 — Este refere-se à neurologia.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA 45

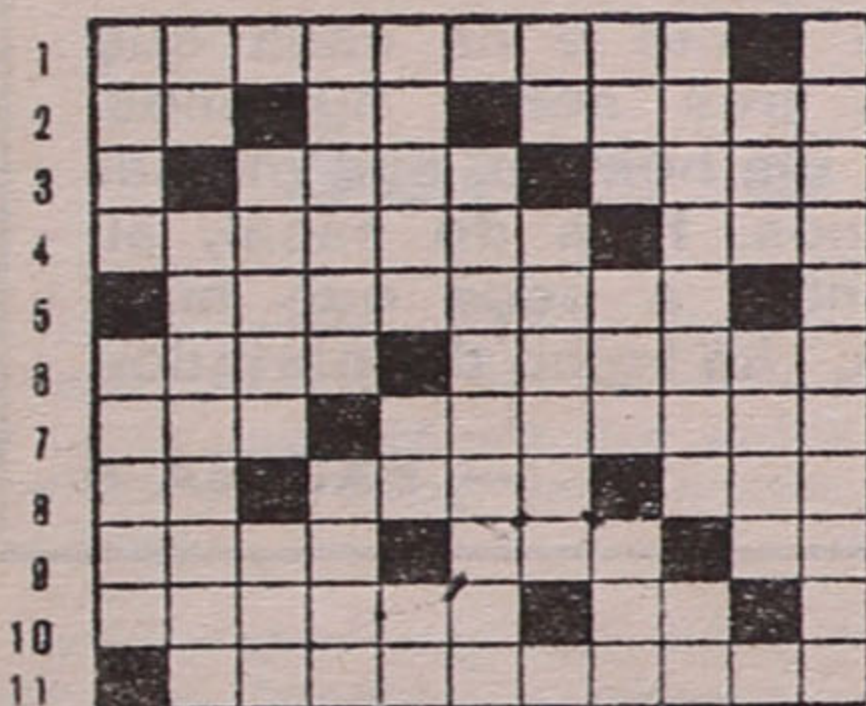
HORIZONTAIS: 1 — Posta, Inês. 2 — Fidalgos. Só. 3 — Une, puros. 4 — Nora, aimoré. 5 — A.C., Zé, gebos. 6 — Mafumeira. 7 — Alpino, Cr. 8 — Uro, era, clã. 9 — Ló, analgias. 10 — Arad, rer. 11 — Sideraremos.

VERTICAIS: 1 — Funâmbulos. 2 — Pinoca, ró. 3 — Oder, Fão, AD. 4 — Sã, azul, are. 5 — TLP, empenar. 6 — Água, eirada. 7 — Original. 8 — Isómero, Gré. 9 — Soba, ciem. 10 — Es, ro, claro. 11 — Sopesaras.



N.º 46

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



MARÉ VIVA

SEMANÁRIO

Director: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo  
 REDACTORES — Carlos Fresta, David Pontes, Francisco Lopes, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa  
 REPORTAGEM FOTOGRAFICA — José Oliveira  
 COLABORADORES — Carlos P. Moraes  
 PAGINAÇÃO — Augusto Mata, João Barrosa e Manuel Fonseca  
 CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (V. Feira), Henrique Sil (Anta), Joaquim Devesas (S. Félix da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)  
 Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62. 251 - Telef. 721621  
 Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L. Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016

Depósito Legal 2048/83

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas, Enguias, Caldeiradas, Açorda de peixe, Bons vinhos  
 RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO  
 TELEF. 720091

# ESTA CIDADE

## NA AUTO ESTRADA:

### PORQUE NÃO FOI FEITA UMA SAÍDA DIRECTA PARA ESPINHO?

O recado é para a «Brisa» empresa construtora e concessionária dos vários troços que têm sido construídos na Auto-Estrada Porto-Lisboa. Recado que se limita a isto: porque é que não foi feita uma saída directa para Espinho no prolongamento da rua 19? É que, neste momento, o automobilista espinhense que queira ir para Aveiro, tem de ir até à Vila da Feira (mais ou menos 20 minutos, a velocidade moderada, mas com uma estrada má) e aí apanhar a auto-estrada até Albergaria (cerca de 20 minutos a uma média de 120 km/h) de Albergaria até Aveiro (variante) são mais 5 minutos. Total — 45 minutos, o que não é nada mau. E sem curvas e buracos, pelo menos na Auto-Estrada. Paga-

se 80\$00 de portagem, o que, se bem que não seja barato, justifica o descanso da viagem...

Na volta, experimentamos a saída dos Carvalhos. Gastamos cerca de 25 minutos de Albergaria até aos Carvalhos. Pagámos 130\$00 de portagem. Um «tirinho»! Mas sente-se uma certa frustração quando se passa por debaixo do viaduto que está por cima do prolongamento da rua 19 até Nogueira. Passa-se a 5 ou 6 km de Espinho... Sem ter hipótese de entrar na via recentemente construída... Quase um suplício de Tântalo!

Senhores da «Brisa»: ainda irá a tempo o pedido de fazerem uma saída para Espinho? Directa, claro...

Aqui fica o pedido.

## CONFERÊNCIA MÉDICA

Numa organização dos laboratórios Pfizer, vai realizar-se no próximo dia 20, pelas 21,30 horas no Hotel Praiagolfe, uma conferência médica, subordinada ao tema, «Aspectos práticos do tratamento das Doenças

Reumáticas».

Esta conferência será preferida pelo Professor Catedrático da Faculdade de Medicina do Porto e Chefe de Clínica de Reumatologia do Hospital de S. João, Dr. Lopes Vaz.

## FESTA DE NATAL

O Infantário Jardim da Infância Costa Verde, Patronato da Divina Providência, vai realizar no próximo sábado, dia 17, pelas 14 horas, no Colégio N. S. da Conceição, a sua habitual festa de Natal.

bado, dia 17, pelas 14 horas, no Colégio N. S. da Conceição, a sua habitual festa de Natal.

## NEM SÓ NA CIDADE HÁ FALTA DE LUZ

Foram já muitas as vezes em que aqui fizemos referência à má iluminação das ruas de Espinho. Ruas completamente escuras, com todos os possíveis perigos para quem ali passa. Mas estes são os problemas que se nos afiguram, neste momento e anteriormente, dizer em relação à deficiente iluminação da cidade.

Agora, para o leitor que

nos tem acompanhado e tem na memória algo do que aqui já dissemos sobre este problema ao longo das nossas edições, para esse leitor, dizíamos, pedimos-lhe que multiplique tudo isso por cem, duzentos, ou mais se quiser, e pense na iluminação do Bairro Piscatório. Terá, assim, uma dimensão aproximada da escuridão que ali se vive.

## POR FALTA DE CARTA...

No passado dia 4 deste mês, foi detido Carlos Alberto Baptista Oliveira por

conduzir uma viatura sem a devida licença para o fazer.

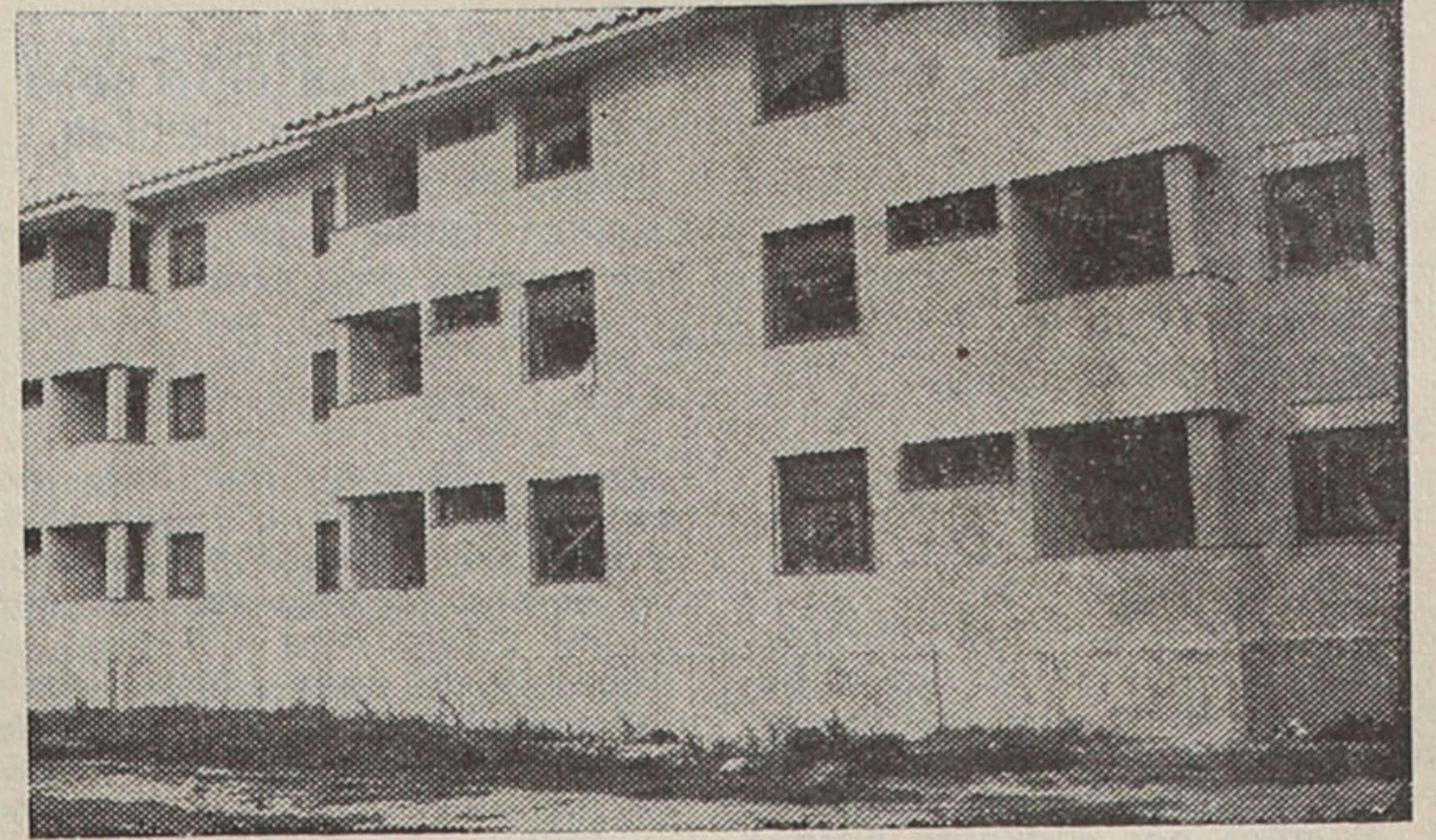
## CASAS DA MARINHA:

### Concurso à espera de despacho superior

A melhor forma para se caracterizar o que se tem passado com o Bloco Habitacional da Marinha de Silvalde, é, sem margem para dúvidas, afirmar-se que ele se tem processado de forma escandalosa. Numa altura em que um dos maiores dramas da população portuguesa é a habitação, o facto de 104 casas, que estão destinadas para arrendamento social (?), não estarem prontas quando o sua construção já se iniciou há tantos anos, é disso mesmo justificada prova. Mas, eis que elas estão quase prontas, e ainda não se deu início a qualquer concurso público para a sua atribuição.

Quisemos, por todas estas razões e até porque o assunto já foi veiculado pela restante imprensa local, ir mais longe na informação a dar aos nossos leitores e, em contactos estabelecidos com o ex-Fundo de Fomento da Habitação, disseram-nos que a sua abertura estaria para muito breve. É, portanto, a dar credibilidade a uma instituição que diga-se em abono da verdade não a merece na totalidade, um dado quase adquirido que dentro de muito pouco tempo teremos o concurso para atribuição das casas sociais do segundo complexo desta natureza.

Afigura-se-nos também, por outro lado, importante denunciar aqui as razões, apresentadas por aquela instituição ao



nosso jornal, da demora da sua abertura. Segundo as palavras de uma sua funcionária estar-se-ia à espera de «despacho superior». Despacho superior, esse, que não será mais do que a assinatura de um dos representantes, ou o seu representante máximo, da Comissão Liquidatária do Fundo. Esta a situação, incompreensível em toda a sua dimensão, com a qual a Câmara local, através do seu silêncio, deve também acarretar com parte das responsabilidades. E prova sintomática deste seu alheamento em assunto de primordial importância, está no facto de termos precisamente encetado o nosso primeiro

contacto com a Autarquia, tendo o seu presidente nos remetido de imediato para o Fundo, «por ser essa a entidade responsável por todo o processo». De facto, assim é. Mas será que a Câmara não deveria estar um pouco mais informada sobre esta matéria? E já agora, qual foi a resposta do Fundo, à proposta da edilidade no sentido de que as casas fossem na sua totalidade para arrendamento social? Será que ainda está na mente daquela instituição alojar os ocupantes do bairro próximo aos estaleiros da Somague? Interrogações que aqui ficam.

## SOBRE O «ONDA»:

### Luís Albernaz mantém a sua proposta

Na última sessão camarária foi entregue, a cada um dos vereadores, um processo que pretende ser uma alternativa à proposta apresentada pelo Vereador do Turismo, relativo ao café Onda. A entrega dos documentos vem na sequência, conforme aqui noticiamos a semana passada, de uma reunião realizada por um grupo de jovens nas antigas instalações da Policlínica. Nessa reunião, a que estivemos presentes, foram apresentadas três propostas, todas elas diferentes embora com um ponto comum: a divisão do Onda em três espaços com funções bem específicas. O primeiro estaria reservado para Posto de Turismo (talvez o mais pequeno), o segundo para o normal serviço de café e um terceiro para actividades de carácter cultural e recreativo.

A tudo isto, que aqui não abordamos em pormenor, o Vereador do Turismo, Luís Albernaz, põe as suas reservas. Esta a impressão que nos deixou de forma concludente, quando o abordamos no final da sessão da passada sexta-feira. Curiosamente, palavras suas, o espírito da minha proposta também consagra a existência de três espaços, só que distribuídos de forma diferente. E, continuando, afirmaria ainda que «não posso aceitar que ponham o turismo num espaço tão reduzido. Vou manter a minha proposta na sessão em que o assunto for discutido». Segundo nos viria a confirmar, esta sua proposta aponta para um espaço reservado a actividades culturais (corresponde a toda a parte que foi em tempos utilizada

como restaurante), seguida do Posto de Turismo e, por último, estaria um pequeno snack de apoio à esplanada, quando esta funcionar.

Confrontando todas as propostas, podemos dizer que todas elas apontam três espaços distintos, residindo a sua diferença na continuação ou não do café. Para as propostas opositoras à do Vereador do Turismo, é importante que as características do Onda se mantenham, embora o seu funcionamento deva obedecer a determinadas condições. Seriam elas a obrigatoriedade de ter um espaço para actividades culturais e o Posto de Turismo. O assunto vai agora subir a plenário e apenas depois poderemos saber qual o futuro destinado ao Onda.

## PROJECTO PIONEIRO NO PAÍS:

### Clínica Geriátrica em Espinho?

Na passada sexta-feira, realizou-se no Salão Nobre do Casino de Espinho, um colóquio sobre Geriatria, cujo objectivo fundamental foi lançar as bases para a futura criação de uma Clínica daquele tipo na cidade de Espinho.

A mesa do colóquio foi constituído pelo dr. Valdemar Martins, do pelouro da Cultura da Câmara da cidade, Prof. Nuno Grande, director do Instituto Superior de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Dr. Santana Gandara, director do Hospital Santos Silva em Gaia, Dr. Jaime Milheiro, director do Dispensário de Higiene Mental de Gaia, Paulo Fernandes de Sá, reformado de Esmoriz, com 102 anos de idade e finalmente, o

Dr. Miranda Valente, delegado de Saúde do concelho de Espinho e principal promotor deste colóquio e da criação da mencionada clínica.

Assistiram ao acto mais de 200 pessoas, tendo os oradores feito ressaltar a insuficiência a nível nacional de estruturas médicas apoiadas dos mais idosos como justificação mais do que suficiente para que Espinho possa vir a tornar-se pioneira neste campo.

Focados também aspectos da Geriatria a nível internacional como complemento a toda esta movimentação.

Após as intervenções seguiu-se um debate entre os elementos da mesa e a assistência, tendo no final sido nomeada

uma comissão com o objectivo de estudar a forma mais viável de concretização deste projecto, apontando-se como possível localização da Clínica Geriátrica num terreno a nascente da rua 19.

**Manuel Correia da Silva**

ADVOGADO

Praça General Humberto Delgado, 287-4, Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745

4000 PORTO

HOTEL  
**PraiaGolfe**

RUA 6 — ESPINHO

**FIM DE ANO 83-84**

FAÇA JÁ A SUA RESERVA.

CONTACTE-NOS DIRECTAMENTE.

PREÇOS ESPECIAIS COM ESTADIA, PELO  
TELEFONE 720630 — TELEX 23727

# Telefones à espera de melhores dias...

É um facto que a rede de telefones em Espinho não serve convenientemente os seus utentes, em especial no que toca a ligações com o exterior. Das razões que estão na origem desta e de outras anomalias obtivemos uma breve mas esclarecedora informação do responsável pela Central de Telefones da cidade.

## SERVIÇO URBANO É OPERACIONAL

Não pode, em boa verdade, afirmar-se que o serviço urbano de telefones (chamadas locais) apresente dificuldades de maior. Pelo menos por enquanto. E dizemos por enquanto porque a Central de Telefones está muito próximo da sobrecarga, o que a breve prazo implicará maiores dificuldades nas chamadas locais se não se verificar um aumento da sua capacidade.

Pontuais situações de desagrado surgem de vez em quando. No momento em que escrevemos estas linhas sabemos por exemplo de problemas no bairro da Solverde. Apenas um cabo cortado e prontamente reparado pelos técnicos dos Serviços. Coisas que acontecem

## SERVIÇO EXTERNO ESPERA...

Também quisemos saber do responsável pela central de Telefones o que se passa com as chamadas para o exterior (inter-urbanas).

— «A espera de modernização» — disse-nos e acres-

centou: «Espinho tem hoje menos saídas para o exterior do que já teve, apesar do aumento do número de telefones de cerca de 2.500 para 4.000».

Introduzir mais linhas, neste momento implicaria aquisição de material que em breve teria de ser substituído pelo moderno equipamento com que os telefones do país estão a ser montados.

A solução é esperar que essa modernização chegue a Espinho. Os principais prejudicados neste campo são concertiza os ramos de actividade comercial e industrial.

Uma questão de poupança, em tempo de crise.

## CABINES PÚBLICAS «COMEM» MOEDAS?

Ao nosso jornal haviam chegado algumas queixas sobre o mau funcionamento de algumas cabines públicas do tipo 4 (chamadas urbanas, inter-urbanas e internacionais). Concretamente, que as moedas eram recolhidas após a ligação e instantes depois esta era cortada sem que se atingisse o tempo. Fomos verificar (junto aos Correios e na rua 8) e tivemos a confirmação. Na central deram-nos a ex-

plicação: trata-se de uma avaria da qual não havia conhecimento pois que destes telefones, aqueles serviços possuem apenas o contador de chamadas. Todo o serviço de ligação é estabelecido pela própria cabine pública.

«Quando tal situação acontece — informaram-nos ainda — o utente deve ligar para o n.º 13, que é gratuito e reclamar a situação. E também informar os serviços porque existe uma brigada técnica para esses casos».

## COMPANHIA ESTÁ A PERDER DINHEIRO...

De justiça nos parece referenciar aqui uma questão levantada pelo responsável da Central de Telefones: «as cabines públicas dão prejuízo à companhia».

Existem em Espinho 16 cabines (7 do tipo 4 e 9 do tipo 1). Actos de vandalismo não existem desde os últimos tempos, em parte porque a sua localização foi melhorada, de forma a estarem mais visíveis (a cabine do túnel teve de ser retirada por este motivo).

Devido ao serviço a que se destinam, o lucro não seria de esperar. Mas o caso é que as diferenças entre os períodos que a central regista e o número de moedas que efectivamente aparecem...

As cabines fazem uma média diária de 50 chamadas, com especial incidência nos fins de semana.

A falta de moedas, relativamente ao número de períodos — cujo processo de sonegação ainda não foi determinado — obriga a um controle diário.

«Utentes não sabem aproveitar enormes benefícios das cabines» como nos disseram.

# Exposição na Cerciespinho

A Cerciespinho, instituição vocacionada para a educação das crianças deficientes, organizou mais uma vez uma exposição de trabalhos realizados por estas crianças.

Desta vez na esquina da rua 14 com a rua 23 o público, pode visitar e adquirir diver-

«A Cerciespinho debate-se com diversos problemas — declarou ainda — sendo o principal a falta de construção de oficinas, onde se possa desenvolver as actividades pré-profissionais, problema este que poderia ser solucionado, graças à construção de um pavilhão



Alunos da CERCI mostram o que vão fazendo ao longo do ano.

sos trabalhos que passam pela costura, bordados, trabalhos em madeira e em metal ou desenhos de crianças.

Contactamos o coordenador-geral, o Prof. Alberto Lopes que nos declarou que esta exposição representa para a Cerci uma chamada de atenção para uma realidade, que é esta instituição e o trabalho por ela realizado, isto para além da venda, pois esta será uma forma de compensar o trabalho das crianças já que o dinheiro reverterá em favor destas.

«Pode-se assistir a uma evolução em relação ao ano passado nos diversos artigos expostos, fruto do trabalho entre professores e alunos».

onde as oficinas seriam instaladas. Outro problema ainda são as contrapartidas do Estado, que além de serem diminutas, não cumprem os prazos estabelecidos o que provoca o desequilíbrio económico desta instituição, que até ao momento tem sempre cumprido com os seus funcionários».

É talvez, caro leitor, oportunidade de deslocar-se a esta exposição-venda aproveitando para adquirir algumas prendas para o Natal, dentro das numerosas coisas expostas, contribuindo para uma instituição que merece a ajuda de todos nós, pelas numerosas crianças que auxilia.

## FITAS

Melhor sorte têm esta semana aqueles que gostam de cinema, cá por Espinho. De facto, o Cinema do Casino apresenta duas películas que merecem ser vistas — «A Escolha de Sofia» e «Mandingo».

De 16 a 19/12 — «A ESCOLHA DE SOFIA» — M/ 12 anos

Realizado por Alan J. Pakula, este filme conta no seu elenco com um nome já grande da 7.ª arte — Meryl Streep — que assina mais um excelente desempenho. O filme conta a ida de Sofia para os EUA, por

estar demasiado marcada pela invasão nazi à Polónia, e os problemas seguintes de adaptação. Com uma excelente fotografia, como já dissemos, tem ainda uma excelente interpretação de Meryl Streep, que aliás lhe valeu um Oscar, este ano. Um filme, portanto, a ver.

De 20 a 22/12 — «MANDINGO» — NAM/ 18 anos

O filme conta alguns episódios das relações entre senhores e escravos no sul dos Estados Unidos, em meados do século passado. Segundo a crítica trata-se de um trabalho sério do realizador Richard Fleischer, com excelente cõr, boa ambientação histórica e notável partitura de Maurice Jarre.

# VALLY

PRONTO A VESTIR

VISITE-NOS

Ângulo das Ruas 19 (n.º 416) e 18 (n.º 580)

MODAS E CONFECÇÕES PARA HOMEM E SENHORA

Gomes & Gomes, Lda.

TELEF. 721237

Gerência de José Gomes

SNACK-BAR  
MARISQUEIRA  
RESTAURANTE

# "SEREIA"

Av. 8, 702 — ESPINHO

Renault 10 — 1968

» 4 L — 1977

» S —

» 12 TL — 1980

Fiat 125 — 1969

» 127 — 1974

» 131 carrinha — 1978

Audi 100 LS — 1973

Peugeot 104 GL — 1981

Volkswagen Golf GTI - 1977

Porsche 912 c/ transform.

AUTOMOVEIS

GARANTIA DE GARANTIA

RUA 20 N.º 300 — 4500 ESPINHO  
TELEF.: STAND 723899 — RESID. 723080

COMPRA-SE AUTOMÓVEIS  
NÃO ACIDENTADOS

«PASSE A VER MELHOR»

Não tenha dúvidas! Com candeeiros de DOMINGUES & MARTINS, passará a ver melhor em sua casa. Esta empresa possui uma vasta gama de modelos e de cores onde o vosso bom gosto encontrará plena satisfação.

FÁBRICA DE LUSTRES EM CRISTAL

# Domingues & Martins, L.ª

Rua 1 - Escolas do Engenho — ☎ 53573

MARINHA GRANDE

Saberá ouvir-vos e solucionar o vosso problema de compra de candeeiros, porque sabe combinar o Metal e o Vidro para fabricar o que o seu bom gosto exige.

## FARMÁCIAS

Quinta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092  
Sexta — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352  
Sábado — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331  
Domingo — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250  
Segunda — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320  
Terça — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092  
Quarta — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352

reunião  
da  
câmara

# Distribuidas verbas do Imposto de Jogo

Depois de uma semana de descanso, o executivo municipal voltou a reunir-se em sessão ordinária na passada sexta-feira. Sessão essa que viria a continuar na segunda, por os assuntos correntes não terem sido todos despachados devido ao grande volume de pretensões de obras, a discutir.

## 1. IMPOSTO SOBRE A RECEITA DE JOGO DE 1982

Este, sem dúvida, o assunto de máxima importância a reter no conjunto das duas sessões. Em causa estava a distribuição das verbas do imposto de 20% sobre a receita do Jogo. Apenas um parêntese para aqui informarmos, o quanto lamentamos a atitude do Presidente da Edilidade, Artur Bártolo, ao, contra o que tem vindo a ser prática corrente não só para o nosso Jornal, não nos ter facultado fotocópia deste documento que reputamos de extrema importância para o desenvolvimento da nossa missão de informar aqueles que se interessam pelos assuntos da Autarquia. Mas adiante, e vejamos o que de concreto se passou na sessão propriamente dita. Para melhor situarmos o leitor, acrescentamos que este assunto foi ainda discutido na 6.ª feira.

Após a leitura da acta da reunião em que se procedeu à distribuição destas verbas, à qual apenas o presidente assistiu de todo o elenco camarário, surgiram-nos logo as primeiras novidades. Por um lado, a transferência da verba para a construção do Parque de Campismo de Sales para juntar aos 30 mil contos cativos para demolir o quarteirão que se encontra nas traseiras do Apart-hotel. Por outro lado, a informação de que o Governo retirou mais 5% deste imposto à Câmara, passando esta a usufruir apenas 20%, contra os 25 de anos anteriores.

A transferência dos 27 mil contos para a construção do parque de campismo aparece precisamente numa altura em que julgamos não ser a mais oportuna, a menos que isso reitere o propósito não declarado de parte da Câmara em desistir da sua construção. Essa, contudo não foi a opinião

expressa pelos Vereadores da Autarquia, à excepção de Valdemar Martins que sempre defendeu a não necessidade de mais um parque de Campismo. Mas a este propósito gostaríamos de lembrar, que em reunião de 11/11/83, um parecer do advogado da Câmara, apontava para a possibilidade da Edilidade readquirir os terrenos de Sales. Estará ou não a Autarquia interessada nisso? Em caso afirmativo, para que esta transferência? Para dar argumentos, como acentuaria o Vereador da APU, aqueles que sempre se manifestaram contra a existência de outro Parque de Campismo? Talvez, já nem valha a pena falar-se mais no assunto.

Mas, e retomando o assunto desta sessão, as verbas deste imposto ficaram assim distribuídas: 20 mil contos para a piscina de Talassoterapia; 20 mil contos para o Parque da Cidade; 40 mil contos para o saneamento básico e 40 mil para o abastecimento de água ao Concelho. Esta portanto a distribuição das verbas que mereceria o voto favorável de todos os Vereadores, à excepção do Vereador da APU, Casal Ribeiro, que consideraria esta uma «posição que vai jogar a favor dos senhores que não querem ficar sem os seus terrenos». Aliás, à semelhança do que fizeram os Vereadores do PSD, Casal Ribeiro disse também ir apresentar uma declaração de voto na próxima sessão. José Fonseca e Carvalho e Sá, afirmaram na sua declaração de voto, que votariam a favor aquela distribuição, considerando que ela não punha em causa a necessidade da construção do Parque de Campismo.

## 2. CONSTRUÇÕES CLANDESTINAS

Este também um assunto que demoraria muito os Vereadores na discussão da actuação a seguir pela Câmara para fazer face a este fenómeno, com tendência crescente. O assunto veio à baila a propósito de umas casas que se estão a construir em Paramos, em fase bastante adiantada e em terrenos de reserva agrícola, cujos proprietários pediam à Câmara, a respectiva licença de legalização. Este assunto proporció-

nou mais uma vez a «discussão» entre o Vereador da APU e o Presidente, sobre a existência ou não de centenas de pedidos para legalização de construções clandestinas, quando aquele defendeu que este «era um assunto em que não se poderiam resolver casos pontuais, mas analisando todos os problemas relativos a essas centenas de pedidos». O mais escandaloso, resultaria no entanto da informação de que várias construções ou loteamentos clandestinos estariam a ser abastecidos de luz eléctrica fornecida pelos Serviços Municipalizados. Esta uma situação que desautoriza o poder deliberativo da Autarquia e à qual é preciso pôr cobro. Nesse sentido a Câmara deliberou averiguar o porquê desta situação, para no caso de se tornar necessário, proceder à instauração de um inquérito. Ficamos à espera.

## 3. TRANSPORTE ESCOLAR PARA AS CRIANÇAS

Um assunto que está a preocupar as escolas e ao qual a Autarquia promete, depois do fim do ano, atenuar, através do pagamento dos passes sociais às crianças que frequentam o Ciclo Preparatório. Este problema surge na sequência de um despacho do Governo, conforme aqui nos fizemos eco em reportagem publicada há duas semanas, que retira o direito ao subsídio de transporte aos alunos que residem a uma distância menor de 4 km das escolas. Como se sabe, para aquelas crianças que frequentam escolas do Ciclo Preparatório ou mesmo do Secundário, e que residem em Silvalde, por exemplo, sofrem este problema dada a perigosidade do espaço que têm de percorrer e a longa caminhada que precisam de fazer diariamente. Para minorar este assunto, a Câmara irá pedir informação às escolas do número de alunos que estão nestas condições para depois optar entre a aquisição de uma carrinha para efectuar esse transporte ou para proceder ao pagamento dos referidos passes. Tudo indica que esta deverá ser a posição a adoptar, já que uma carrinha não iria ser suficiente para acudir a todos os casos.

## 4. CASAS DA MARINHA

Sobre este assunto e tal como tínhamos noticiado, a Câmara em sessão anterior tinha-se pronunciado sobre o regime de arrendamento social a adoptar para este Bloco Habitacional. Nesta reunião, foi presente um ofício do Fundo de Fomento da Habitação a pedir que a Câmara informasse das razões que a levaram a tomar esta decisão. Os nossos autarcas não gostaram desta intromissão nas suas decisões e deliberaram informar que este regime está bem fundamentado na lei.

Ainda sobre este assunto, e partindo do pedido de parecer do mesmo organismo sobre a reserva de habitações por parte dos moradores das casas do programa ex-CAR, a Autarquia deliberou que estes se devem submeter a concurso público em igualdade de circunstâncias com a restante população.

## EM ANTA

# Uma família vive no pinhal...

Ele, Adriano Dias Casal Ribeiro, 30 anos, vive no meio de um pinhal onde mais ninguém mora; sózinho, com sua mulher de 21 anos e uma filha de dois anos. Ali estão, expostos ao vento, à chuva ou, em tempo de mais calor, ao fogo. É em Anta, no lugar da Fonte, e tal como todos os casos do género este também tem a sua história.

Numa deslocação a Lisboa, ao serviço da empresa onde trabalhava, Adriano foi vítima

uma criança ao colo, procurando um pouco do calor que em mais algum lugar daquela casa poderia encontrar. Estava ela, num compartimento que se poderia adivinhar a cozinha. Paredes despidas, um armário pregado numa delas e uma pequena velha mesa a um dos cantos. A inexistência de qualquer utensílio, habitual em qualquer cozinha, era visível. Um episódio. «Uma vez, a minha filha pediu-me um pouco de leite, e apenas tive para lhe



«Isto» que se vê na imagem é a «casa de banho» desta família

de um grave acidente de viação, o qual viria também a causar a morte de seu pai. A partir daí, «nunca mais foi a pessoa que era». Mais tarde e depois de os seus patrões o aceitarem no seu anterior lugar, viria a abandonar definitivamente o trabalho, por a sua cabeça não aguentar tamanha concentração. Isso iria fazer com que perdesse todos os direitos a que o trabalhador incapacitado tem direito. Neste momento, e com a ajuda de uma senhora que o vai auxiliando, está à espera que a sua antiga firma lhe faça os descontos de 10 dias, para que possa readquirir o direito à baixa e por aí receber algum dinheiro. Quanto à indemnização do seguro a que deverá ter direito por ter sido vítima de acidente em serviço, o caso ainda se encontra em tribunal para resolução.

Neste momento, não é possuidor de qualquer rendimento e vive de esmolas. As refeições de sua mulher e filha são tomadas em casa da mãe desta, tendo o Adriano de recorrer a uma avó que lhe fornecia dois ovos por dia, o bastante para passar as restantes 24 horas. Agora, as coisas terão melhorado um pouco devido à acção de uma senhora que lhe dá a refeição da noite. Este o viver material do protagonista desta cena, onde nos faltam as palavras para a adjectivar.

## ÁGUA EM VEZ DE LEITE

Se o que atrás foi relatado, resulta de conversas mantidas com esta família, importa determinar-nos também um pouco sobre aquilo que vimos. Por um caminho, onde o andar não é fácil tivemos acesso à casa do casal. Um pouco apreensivos com o que se iria passar, penetramos no seu interior, acompanhados pelo seu morador. A um canto e perto de um fogo já em derradeiro esforço para se manter, uma mulher com

dar um pouco de água quente». O compartimento seguinte, apenas é preenchido por uma corda presa em cada uma das suas paredes e com algumas roupas velhas. Depois o quarto. Uma cama, de casal, uma camita de criança e uma cómoda que, com gavetas abertas, nada tem para mostrar senão a po-dridão da madeira já cansada. Por cima de um caixote, um despertador, a peça mais valiosa de todo aquele cenário. A luz aparece através de meia dúzia de velas espalhadas a um canto. A água vem de um riacho que passa, por debaixo da casa, e que em tempo de chuvas quase a invade. É tirada sem qualquer cuidado e bebida sem ser fervida. As necessidades são feitas no lugar que a foto bem nos mostra.

O caso no entanto já tem dado as suas voltas, através da senhora que temos vindo a referir, e alguma ajuda veio do Posto Médico. Uma das funcionárias chegou mesmo a deslocar-se ao local, tendo afirmado que ali já não voltaria mais, de tão impressionada que ficou. Factos, muitos mais se poderiam seguir para ilustrar a «vida» deste casal, que mais nada tem a fazer do que esperar. O quê?, perguntamos.

As primeiras palavras que podemos registar, nesta reportagem e depois do primeiro contacto, foram bem demonstrativas da situação desta família. «Aqui, a gente pode gritar, que ninguém nos ouve». Uma frase de quem está só. Só, não apenas no espaço, mas também na solidariedade a que todo o homem deve ter direito( no dia que ali estivemos comemorava-se a assinatura da carta dos direitos humanos). Não tivemos, pois, o ensejo de aqui falar de caridade como muitos outros o poderiam ter feito, mas apenas de justiça. E sobretudo da necessidade de abalar a vergonha da espécie que somos.

# Parque de Campismo SOLVERDE

RESTAURANTE — SNACK-BAR

ALMOCE, LANCHE OU JANTE EM CONTACTO COM A NATUREZA

- ABERTO TODO O ANO
- PARQUE INFANTIL
- ESTACIONAMENTO PRIVATIVO

PASSAGEM DE ANO

FAÇA A SUA MARCAÇÃO PELO TELEF. 723718

DESPORTO

Olimpíadas de Los Angeles já mexem...

Quando perguntaram a Alberto Salazar, recordista mundial da maratona e habitante do Estado de Oregon (EUA), como se iria reinar para as Olimpíadas-84, que decorrerão na atmosfera poluída de Los Angeles, ele respondeu com um gracejo: «levo o automóvel para a garagem e vou correr lá».

A «graça» não agradou obviamente aos dirigentes do Comité Organizativo das Olimpíadas, se bem que este género de comentários se tenha tornado mais frequente, à medida que se aproximam os Jogos. As conversas sobre o «ar» de Los Angeles já se tornaram mais que habituais, e passaram até a ser tema melindroso nas páginas da imprensa. Os organizadores dizem apenas que «o smog não exercerá qualquer influência assinalável na saúde e respectiva exibição dos desportistas durante as competições».

No entanto, os médicos especialistas, que realizaram estu-

dos sobre o estado físico dos atletas em condições que, muito provavelmente, se verificarão em Julho e Agosto no próximo ano em Los Angeles, não partilham desse optimismo. Eles alertaram para o facto de que, se vier a registar-se o aparecimento de um «sinal de smog do primeiro nível», no qual, a um milhão de partes de ar correspondem 20 partes de ozono, os desportistas poderão vir a ter problemas sérios.

Ao verificar-se tal nível de poluição do ar, os exercícios físicos prolongados com uma duração de meia hora causam irritação das vias respiratórias, o que provoca a tosse, uma sensação de garganta seca e um estado de desconforto.

A essa conclusão chegaram igualmente os autores de um outro relatório — os médicos da Universidade californiana de Santa Bárbara. Eles consideram que serão os corredores de longas distâncias (da maratona

e dos 10.000 metros) e os participantes das competições de marcha desportiva que ficarão mais fortemente sujeitos à acção prejudicial do smog.

Para evitar a formação do smog, que constitui fundamentalmente uma consequência da actividade humana, as autoridades cidadinas delinearão um programa especial, que começará a ser aplicado duas semanas antes da abertura dos Jogos Olímpicos. Estas entidades apelaram à população do sul da Califórnia para «reduzir ao mínimo as viagens de automóvel, diminuir a actividade das empresas poluidoras do ar, e abster-se de realizar trabalhos de pinturas»...

Apesar disso, há ainda grandes probabilidades de muitas competições olímpicas decorrerem naquela atmosfera de smog que já passou a ser designado como o «gás oficial das XXIII Olimpíadas».

LAVANDARIA

LAVAR

A MAIS AVANÇADA  
TECNICA NA LIMPEZA E  
TRATAMENTO DO SEU  
VESTUÁRIO



Limpeza a seco — Lavagem  
e secagem de roupa branca,  
couros e antilopes

SERVIÇO RÁPIDO

RIBEIRO, VALENTE & C.ª, L.ª

RUA 12 N.º 640 — TELEF. 723704

ESPINHO

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo  
o serviço para homem,  
senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO  
Telef. 721823

ALBUQUERQUE PINHO

FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:

R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.  
Telef. 698704 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722964  
4500 ESPINHO

CAFÉ e RESTAURANTE

COPÉLIA

Almoços e Jantares  
Serviço à lista  
Especializado em  
Casamentos e Baptizados  
Grande Variedade de  
Petiscos

R. 23 n.º 808 - Tel. 723152  
ESPINHO

JOSÉ OLIVEIRA

— SOLICITADOR —

ESCRITÓRIO:

Rua 19 n.º 401 - 1.º  
Telefone 720093  
ESPINHO

Carlos Albuquerque  
Pinho

MÉDICO

Doenças do aparelho  
digestivo  
Endoscopia digestiva

CONSULTÓRIO  
Rua 31 n.º 321  
Telef. 724401 — ESPINHO

A MODELAR

Telefone  
723068



Rua 16 — Merc. Municipal  
4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas  
de óculos com descontos das  
Caixas de Previdência

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico  
e Decorações

Rua 12 n.º 593 — ESPINHO  
Telef. 723299

Agostinho Pedrosa

MÉDICO PEDIATRA

Marcação a partir das 15 horas  
às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feira

Consultório — Rua 19, 343, Sala B  
Telefone 722713 — ESPINHO

Residência — Brito - P. da Granja  
Telefone 7620795 — V. N. GAIA

Casa VERMAR

José Rachão e António Marinhão

Especialidades em arroz de  
marisco, Caldeiradas e todos  
os géneros de Petiscos

Bons Vinhos - Bom Ambiente  
R. 2 n.º 1413 — ESPINHO

VISTA-SE A SI E À SUA FAMÍLIA COM

Crédito Gratuito

RAICA

PRONTO A VESTIR — HOMEM E SENHORA

RUA 62 — 101 TEL. 722896 4500 ESPINHO

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO

RUA 19 N.º 294 ESPINHO

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR  
DISCOTECA

O seu ponto de encontro  
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas  
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — E S P I N H O

Casa Romeu

FILIFE RODRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

Oculista Vitó

2 CASAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA

R. 19 n.º 299 e 242 - Tels. 721433/723056 - ESPINHO

MERCADO NOVO DIA

Domingos António, Lda.

Visite V. Ex.ª este estabelecimento e ficará nosso Cliente

Rua 18 n.º 1067

Telef. 722739

ESPINHO

## ESPINHO, 1 — FEIRENSE, 1

### ESTRANGEIROS APAGADOS, VALÉRIO A BRILHAR!

Bastantes adeptos espinhenses se deslocaram no passado dia 8 ao Avenida. Não tanto para assistir ao jogo, mas, fundamentalmente para ver jogar o alemão Gerd Korner. E começamos por ele. Boa estampa física, Gerd teve alguns apontamentos de bom recorte, jogou muito sem bola, dentro da área, e pareceu-nos ter sido uma boa aquisição. Um certa falta de ritmo demonstrada pode ser, cremos, facilmente ultrapassada com treino. Um valor a con-

firmar. Quanto aos dois brasileiros (que tal como o alemão já assinaram) um deles, Maurício, deu-nos a sensação de ser um jogador vulgar mas que poderá ser útil ao plantel espinhense. O outro, Xáxá, nada de especial mostrou nos 45 minutos em que esteve em campo... Nem se deu por ele! Mas, e numa opinião pessoal, a grande figura deste amistoso foi o loiro Valério, jovem defesa central que alinhou no SCE durante o 2.º tempo. Impecável! Bom jogo

de cabeça, autoritário no desarme, com bom posicionamento. Ou muito nos enganamos, ou está ali um «stopper» em potência...

Quanto ao jogo em si, diga-se que o Feirense mostrou ter uma equipa bem arrumada, com saliência para o armador José Augusto. Com o habitual defeito das numerosas substituições após o intervalo, foi um joguinho arrastado e algo monótono. Mas também os assistentes estavam lá era «para

ver o alemão»...

Sob a arbitragem de Vitorino Gonçalves, de Aveiro, o SCE apresentou:

Na 1.ª parte: Mendes; Ramalho, José Augusto, Serra e Raul; Xáxá, João Carlos e Maurício, Mória, Gerd e Carvalho.

Na 2.ª parte: Serafim; Jaime, José Augusto, Valério e Pinheiro; Manuel Jorge, João Carlos e Salvado; Amilcar, Gerd e Maurício.

Marcador — Amilcar, aos 59 minutos.

ção». Acerca de Maurício, os entrevistados mostraram-se mais reticentes...

Outros, menos optimistas, consideraram-nos 3 «jogadores normais».

Por fim, recolhemos ainda 2 depoimentos com muito interesse: um que nos dizia que «devia-se olhar primeiro para os portugueses», e outro que dizia que «o que é preciso é melhorar a equipa toda». Sem comentários!

### FALAM OS ADEPTOS

Na passada 5.ª feira, as novas aquisições do SCE fizeram o seu jogo de apresentação, uma partida amigável contra o Feirense. O resultado cifrou-se pela igualdade, desfecho esse que não iremos aqui discutir. Vamos, sim, falar dos novos jogadores, Korner, Xáxá e Maurício, ilustrando o assunto com depoimentos recolhidos no campo. As opiniões dos inquiridos se bem que diversas inclinaram-

-se a considerá-los bons jogadores, ainda que com reservas, pois «um jogo não dá para saber».

Do alemão, sobre quem centramos especialmente o nosso questionário, houve tanto quem dissesse que ele era «de boas qualidades», até ao oposto «tem poucas faculdades, mas está em progresso. Pode vir a ser bom».

Na verdade, Korner esteve um bocado apartado da bola nos

90 minutos de jogo. No entanto, nas jogadas em que interveio, causou boa impressão generalizada. Em seu abono, há que referir que apenas chegou na semana passada, não tendo ainda tempo de se integrar na equipa, assim como no seu tipo de jogo.

Quanto aos brasileiros, as opiniões são mais positivas. Xáxá, especialmente, foi mesmo considerado «a melhor aquisição».

## BRAGA, 2 — ESPINHO, 0

### UM RESULTADO NATURAL

Nesta deslocação ao «1.º de Maio» a equipa espinhense voltou a não pontuar e «recuperou» a lanterna vermelha... Carolino, no final do encontro, em declarações à imprensa, diria que «não tivemos a mínima hipóte-

sel», do mesmo passo que elogiava a arbitragem de Silva Pereira.

No entanto, até aos 20 minutos, altura da obtenção do 1.º golo bracarense, o jogo foi equilibrado e teve algumas fases

de bom futebol. Mas a partir do 1-0 o Braga acelerou e controlou totalmente as operações. Diga-se que durante os noventa minutos o SCE apenas teve uma ocasião de perigo, desperdiçada por Bábá, iam decorri-

dos 60 minutos.

No próximo domingo, embora jogando em casa, o SCE tem pela frente o Benfica, Pontuar, fazendo uma boa exibição, poderia ser o tónico para o necessário arranque espinhense.

No jogo de Braga, Mendes foi, mais uma vez, o melhor homem em campo.

Sob a arbitragem de Silva Pereira, do Porto, a equipa do SCE foi: Mendes; Ramalho (Mória, aos 40 m.) Valério, Serra e Raul; Carvalho, Dinis (Manuel Jorge, aos 65 m.) Pinto da Rocha e Salvado; Bábá e Abel.

## BANCADA DE IMPRENSA

Não é grande novidade a situação em que poderes económicos estranhos à orientação duma equipa profissional de futebol se sobrepõem ao próprio responsável técnico. Situação, no mínimo, anómala, fundamentalmente por dois motivos: primeiro porque se trata de uma ingerência no foro de quem deve, obrigatoriamente, deter as rédeas duma equipa profissional de futebol, e que para tal está legalmente habilitado; segundo, porque tal ingerência nem sequer provém de alguém que faça parte dos corpos gerentes do clube, únicas entidades que, mesmo assim, teriam alguma legitimidade para «interferir» (mas no bom sentido...) na orientação desportiva da agremiação.

É triste, de facto, quando tais factos se passam. Especialmente quando tais processos de actuação podem levar a uma desestabilização do plantel que tem de assegurar um rendimento necessário e suficiente para o retirar da «zona quente» do campeonato em que está envolvido. Mas quando as coisas correm assim, quando a divisão é fomentada do próprio interior (e exterior) do clube, pouco se poderá esperar em termos de rendimento global duma equipa, por mais coesão que ela se procure manter no seu interior...

Quem quer destruir (e porquê?) o KXWZ, Clube que milita na 3.ª divisão do Campeonato Australiano de Futebol, no Departamento de Sidney? Sim! Porque é a esse clube que nos referimos! Em que clube é que estavam a pensar, maldosos leitores?

### RESULTADOS DA SEMANA

#### ANDEBOL

Div. de Honra — SCE, 19 — Acad. Coimbra, 24  
Feminino — Taça de Portugal  
SCE, 27 — Rio Maior, 11

#### HÓQUEI EM CAMPO

1.ª divisão — Canelas, 2 — AAE, 2  
Reservas — Canelas, 2 — AAE, 1

#### HÓQUEI EM PATINS

Nac. da 2.ª div. — AAE, 3 — Acad. do Porto, 2  
Juvenis — AAE, 0 — FC Porto, 4  
Carvalhos, 3 — AAE, 3

#### VOLEIBOL

1.ª div. masc. — SCE, 3 — AAE, 0  
Juvenis — Esmoriz, 0 — SCE, 3  
SCE, 3 — Leixões, 2  
Iniciados — AAE, 3 - Nun'Alvares Gondomar 0  
Fem. — Nun'Alvares de Gondomar, 0 - SCE, 3

### ATLETISMO

#### ESPINHENSES CORRERAM EM PARANHOS

Realizou-se na passado dia 8, numa organização do S. C. Salgueiros, a XXVI Volta Pedestre a Paranhos, numa extensão de 9 mil metros, e que contou com a presença já habitual de alguns atletas do SCE.

As classificações destes atletas foram as seguintes:  
17.º — Augusto Rachão; 46.º — Manuel Augusto; 54.º —

Manuel Brito; 56.º — Armando Ribeiro; 57.º — José Brito; 63.º — António Natário; 72.º — Manuel Santos; 87.º Lino Costa; 97.º — Mário Ferreira; 129.º — José Augusto.

Colectivamente o SCE obteve o 8.º lugar. Os resultados obtidos podem considerar-se aceitáveis para início de época.

### TÉNIS

## A. A. E. aposta no Ténis

A Associação Académica de Espinho está a «jogar» fortemente na divulgação do Ténis. Assim, deve ter arrancado na semana que está a terminar a construção de dois «courts», nos terrenos anexos ao Pavilhão Arq.º Jerónimo Reis. Estes dois recintos terão, numa primeira fase, um piso de terra, estando nos planos dos dirigentes academistas a instalação futura dum piso betuminoso. Quanto a instalações de apoio balneários, arrecadações, etc., serão para já as existentes no Pavilhão.

Entretanto, continua em funcionamento, no Pavilhão, uma Escola de Ténis, que já conta cerca de meio ano de existência, sob a orientação de professores do Clube de Ténis de Miramar. As cerca de sete dezenas de inscritos na Escola praticam o desporto que escolhem duas a três horas por semana.

Enquanto não estão prontos os «courts» municipais, no antigo Parque de Campismo, a Académica de Espinho arranca com esta obra, sem dúvida importante para o Parque Desportivo Espinhense, que, a curto prazo,

ficará enriquecido com o campo de Hóquei em Campo (relvado) também numa iniciativa da AAE. Ao que fomos informados, uma das parcelas do terreno já foi adquirida, correndo processos de expropriação no que respeita às restantes.

Podemos, entretanto, informar que decorrerão eleições para os novos Corpos Gerentes do clube, no final deste mês. Presente a sufrágio apenas uma lista, encabeçada pelo actual presidente da Direcção Eng.º Jorge Monteiro. Contamos apresentar aos nossos leitores, no início do próximo mês, uma longa entrevista com este dirigente desportivo.

## Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.  
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300  
TELEF. 720452

Casa Travassos

Lembra-lhe que em tempo de austeridade a bicicleta é o seu transporte.

ANG. DAS RUAS 18 e 15  
ESPINHO

Milton Pinho  
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C  
TELEF. 720584

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL  
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520-1.º  
Telefone 721014  
ESPINHO

Maré Viva O SEU JORNAL



## DR. EDGAR CARNEIRO:

# «Sempre lutei por uma verdadeira justiça social»

A porta de casa, esperava-me uma figura distinta, com aspecto sensível e interessado no mundo que o rodeia.

Fomos para uma sala,

onde conversámos durante quase uma hora. A conversa versou muitos temas, mas deteve-se especialmente na menina-dos-olhos do meu interlocutor:

a Poesia. Estive a falar do Dr. Edgar Carneiro, flaviense por nascimento, espinhense por adopção e, acima de tudo, poeta.

**MV — Como veio o Dr. Edgar Carneiro, de Chaves para Espinho?**

EC — Vim para Espinho trazido pela minha vida profissional. Comecei a leccionar em Chaves, em 1939, onde durante dez anos fui professor provisório. Ao fim deste tempo resolvi fazer o Exame de Estado, facto que me levou até Lisboa, onde permaneci um ano. Depois deste exame estive em várias escolas, até que assentei definitivamente em Vila Real; estive aí durante 14 anos, até que, por motivos de saúde da minha mulher e a conselho dos médicos tive de mudar de ares... Precisamente o local mais aconselhável era a beira-mar. Depois de uma curta estadia em Fiães, mudei-me para Espinho, onde resido desde o ano lectivo de 1967/68.

Gosto muito de Espinho, considerando-me já espinhense por adopção. É uma terra muito simpática, onde tenho muitos amigos, onde há uma circulação livre de ideias, embora, como meio cultural, seja ainda um pouco fechado.

**MV — Sendo o sr. Dr. um Poeta, como foi que nasceu em si a veia artística?**

EC — A minha inclinação para as Belas Letras surgiu muito cedo, durante os primeiros anos dos seus estudos secundários. Durante os meus três primeiros anos de Liceu, passados no Colégio de Lamego, tive um professor de Português que era, para além de um pedagogo extraordinário, um homem

dotado de uma grande sensibilidade. Esse homem, o Dr. Luís Osório, ensinounos tudo quanto há de belo na poesia, fazendo-nos ver, por exemplo, «Os Lusíadas» em todo o seu esplendor poético, desvendando-nos a beleza intrínseca da Obra, sem se estar a preocupar com a divisão das orações e outras coisas do género. E assim fazia com todas as grandes obras poéticas, clássicas ou não.

Aos 15 anos, fui estudar para o Liceu de Chaves e comecei a colaborar em Suplementos juvenis de alguns jornais lisboetas com poesias. Assinava os meus poemas sempre com pseudónimos, como por exemplo no «Século» em que assinava Adriano de Rodes...

Vieram depois os estudos Universitários, em Coimbra, onde aprofundei e consolidei o meu amor pela Poesia. Aí contactei com muitos grandes poetas e outros escritores da minha geração, como o Miguel Torga e o Namora, e também com outros. Li sempre muita poesia, sobretudo os poetas brasileiros, de quem muito gostava. Em Coimbra publiquei o meu primeiro livro, «Caminhos de Fogo», ainda nos anos 30, hoje retirado do mercado.

**MV — Quais as fontes de inspiração de que se serve para escrever a sua poesia?**

EC — Não se pode falar propriamente em fontes de inspiração. A minha poesia surge-me naturalmente, não a busco presurosamente. Quando me

surge uma ideia tomo as minhas notas, trabalhando depois o tema. Por vezes o poema surge-me todo de uma vez, jorra completo, desde o princípio até ao fim, restando-me depois fazer os necessários arranjos literários e estilísticos. Preocupa-me um pouco o sentido formal da obra, a sua perfeição final, embora também me preocupe com o conteúdo, que procuro seja sempre actual e ligado à realidade do momento.

**MV — Acha que a poesia pressupõe um estado de espirito especial?**

EC — Acho que sim, a Poesia é um verdadeiro estado de alma, muito especial, que pressupõe uma grande sensibilidade, ou uma sensibilidade muito própria. Concordo com Gaspar Simões quando ele fala dos «mistérios da Poesia». Um poeta tem também de estar sempre em ligação com o mundo que o rodeia, não pode meter-se dentro de uma torre de marfim e escrever poesia meramente académica. O poeta, quanto a mim, não deve escrever a sua poesia de forma incompreensível para o público que em princípio o vai ler. Tomemos como exemplo o Herberto Helder ou o Ramos Rosa, que escrevem uma poesia muito codificada, embora com uma boa intenção de combater as estruturas literárias já estabelecidas, de combater um «establishment» literário, são um pouco difíceis de ler. Já o Eugénio de Andrade ou o Miguel Torga são poetas de cariz mais popular, mais facilmente se fazem entender pelo grande público.

**MV — Costuma trocar experiências profissionais com outros poetas?**

EC — Não tenho trocado muitas experiências com outros poetas, quer sejam estrangeiros ou nacionais. Nas terras de província, não há muita gente que se dedique à Poesia; aqui em Espinho, a única pessoa com que troco ideias literárias é o Dr. Marmelo e Silva.

Enquanto estive em Coimbra convivi muito com o Namora, o Torga e outros da minha geração, como o Joaquim Namorado.

Hoje praticamente o único poeta com quem convivo é o meu filho, Eduardo Guerra Carneiro. Este convívio é-me extremamente útil, pois dá-me novas perspectivas acerca do mundo em que vivemos.

**MV — Prefere a rima ou o verso branco?**

EC — Normalmente uso os dois processos. A rima ajuda a compreender melhor o sentido do poema pois torna o ritmo mais perceptível para o leitor. O verso branco é mais exigente, pois obriga a

que o poeta busque insistentemente um ritmo apreciável para a sua obra. Por vezes é muito difícil apreender totalmente o sentido poético e a beleza de uma obra em verso branco, mas há obras verdadeiramente notáveis escritas desse modo, como por exemplo o «Ode Marítima» ou a «Chuva Obliqua» do Fernando Pessoa.

**MV — Qual o seu Poeta preferido?**

EC — Não tenho propriamente um poeta preferido. Gosto de todos em geral, embora possa citar muito especialmente o Miguel Torga, o Eugénio de Andrade, o Manuel Bandeira e o Carlos Drummond de Andrade.

**MV — Considera-se um Livre Pensador?**

EC — Não me considero um livre pensador. Sou católico por formação, mas desde sempre lutei por uma verdadeira justiça social, sem exclusivismos e sem excepções discriminatórias.

continua na página 6

## EXTENSÃO DO CINANIMA

CINEMA PARA JOVENS  
SELECÇÃO DE FILMES

5.ª feira, 22 de Dezembro, às 18 horas  
na Sala do Cinema do Casino

Sessão dedicada  
aos filhos dos sócios da Nascente  
e aos filhos dos empregados da Solverde

**Mare Viva**  
ESPINHO



PORTE  
PAGO

A Biblioteca Municipal  
Rua 21 - ESPINHO

Aos poucos, as velhas «memórias» de Espinho vão deixando de estar entre nós. Gente que viveu, e posteriormente transmitiu, as várias fases da infância desta terra, vai desaparecendo, segundo a inexorável lei da vida.

Mais uma dessas figuras nos deixou, na passada 2.ª feira — Joaquim Tato. Nos últimos tempos, semanas a fio, primeiro na «Defesa» e ultimamente no «Espinho Vareiro», Joaquim Tato levava os seus leitores em curiosas viagens retrospectivas ao Espinho dos nossos pais e avós. Episódios saborosos, evocações várias, de tudo um pouco passou pelas colunas assinadas por Joaquim Tato.

Nós, os mais novos de Espinho, ficamos a dever um pouco do que sabemos sobre a nossa terra a este homem-memória, agora desaparecido. As suas crónicas, essas, ficam.

**O fechar**